A HOMOFOBIA E O MITO ADÂMICO: O problema da aceitação do diferente

Esse texto nasceu de alguns debates sobre homofobia feitos, em sala de aula, com alunos de Filosofia da PUC, campus de Toledo (PR). Mais precisamente de uma brincadeira dita por um aluno. Tal aluno falou: "Professor, Deus não criou Adão e Ivo, mas criou Adão e Eva". Naquele momento entendi que o problema da homofobia estava nesse binário do mito fundante judaico-cristão, o mito adâmico.

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada a partir de perspectivas múltiplas e complementares. Mito pode ser uma narrativa que trata de seres sobrenaturais que criam, castigam ou destroem as coisas no mundo. Mas, também pode ser uma forma das sociedades espalharem ou naturalizarem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, suas dúvidas e inquietações. Por exemplo, a naturalização da pobreza nas economias não planificadas (capitalistas) e a naturalização do adultério masculino nas sociedades machistas, etc.. A partir dessa definição de mito quero abordar a questão homofóbica da nossa sociedade.

Atualmente o discurso sobre o homossexualismo é um discurso de aceitação da organização sexual de cada pessoa e do respeito ao diferente. Porém, a nossa ação é de discriminação, de afastamento e de rejeição no que se refere ao homossexualismo masculino ou feminino. Muito mais do masculino do que do feminino. A pergunta é: Qual é a origem de tal rejeição em relação ao homossexualismo? Se conseguirmos responder tal pergunta, poderemos determinar o ponto crucial para resolver problema de tal rejeição.

A nossa cultura está sustentada pelo mito adâmico. Esse mito está colocado no Gênesis (1:26-27 e 2:18-25) e trata da criação do homem por Deus que diz que, no sexto dia tomou o barro, moldou o corpo homem, soprou-lhe a vida e o chamou de Adão. Deus, para não deixar Adão solitário e triste (depressivo), por não ter com quem conversar, colocou-o a dormir - anestesiou-o, linguagem de hoje - e retirou-lhe uma costela e criou uma mulher - na linguagem de hoje seria, tirou-lhe uma célula e a clonou - deu-lhe o nome de Eva. Nesse mito só existe o binário, homem e mulher, que foram criados por Deus. Então, no imaginário ocidental, aquele que não agir como homem ou mulher não é natural. E, tudo o que for diferente desse binário, não é criação de Deus, não são criaturas divinas.

Na Grécia antiga, o mito sobre o aparecimento do homem e da mulher é diferente do judaico-cristão e está exposto no livro de Platão, cujo título é “O Banquete”. Nessa obra, Aristófanes discursando sobre o amor afirma que antigamente eram três os gêneros e não dois como o são hoje. Além do masculino e do feminino existia um terceiro comum aos dois sexos. O masculino era descendente do sol, o feminino da terra, e o que tinham ambos os sexos eram descendentes da lua. Estes seres possuíam membros em duplicatas, quatro mãos e quatro pernas e rosto duplo com quatro orelhas sobre um mesmo pescoço. Porém, uma só cabeça e dois sexos. Essas criaturas andavam eretas em qualquer direção e possuíam grande vigor, por isso se rebelaram contra os deuses. Então, Zeus, para torná-los mais fracos e evitar novas rebeliões, dividiu-os em dois.

A partir dessa mutilação, cada metade está sempre em busca de sua outra metade. Assim, os homens e as mulheres que foram separados do ser andrógino, gostam do seu oposto. Ou seja, os homens buscam as mulheres e vice-versa. Segundo Aristófanes, são esses seres que têm tendências adúlteras. As mulheres que foram separadas de outra mulher buscam a sua metade, que é outra mulher. Ele afirma, pejorativamente, que é desse tipo que provêm as “amiguinhas”. E os homens, cuja separação foi de um macho, buscam sua outra metade que é outro macho. Segundo ele, embora não se trate de união sexual, quando um de mesmo sexo encontra a sua outra metade, não quer mais se separar. Pois, essas duas almas buscam as mesmas coisas.

Se nossa sociedade tivesse sido fundada a partir do mito grego, provavelmente, teríamos mais facilidade de aceitar as relações afetivas entre iguais. Penso que é no mito adâmico que está a raiz do problema. Sem a mudança desse mito fundante, os nossos representantes podem fazer leis sobre a homoafetividade, que as acataremos apenas discursivamente, na prática não. Porém, o bem que a lei promove é a tolerância do diferente. Pois, obriga-nos a tolerarmos o diferente, o que sem a lei isso não aconteceria.

Na questão da divisão de tarefas entre homens e mulheres, segue a mesma lógica do mito adâmico. Pois, Adão e Eva foram expulsos do paraíso por haverem comido do fruto da árvore da sabedoria (Gênesis 3:1-24) e Deus determinou o que cada uma iria fazer aqui na terra. O homem deveria tirar o seu sustento com suor do seu rosto e a mulher iria sentir a dor do parto. Portanto, como castigo divino, o homem tem que trabalhar e a mulher gerar filhos e deles cuidar. Esse é assunto para outro debate.

Não estou afirmando que o homossexualismo seja algo cultural. Apenas afirmando que a rejeição do diferente é cultural. Pois, as ciências têm demonstrado que as

tendências humanas tais como: suicídio, insociabilidade (banditismo), homossexualismo, misticismo, religiosidade e tendências políticas (esquerda/centro/direita) são dados pela natureza. Em outras palavras, essas tendências não são inteiramente adquiridas socialmente. Obviamente que elas possuem gradação, que dependendo do grau podem ser sublimadas ou não. Como escreveu Freud que pelas terapias psicanalíticas, o tratamento da homossexualidade não tem conseguido êxitos significativos. Pois, segundo ele, o homossexual não consegue abandonar seu objeto de prazer, que é outro ser de mesmo sexo[1]. Porém, isso não cabe aqui debater.

Caso o homossexualismo não fosse algo dado pela natureza, em função da alta repressão social - Igreja, Estado, escola e família – ao longo dos séculos, teríamos que admitir o seu desaparecimento enquanto comportamento sexual. Mas, o homossexualismo existe e persiste e continuará existindo enquanto existir a humanidade. Pois, ele é uma organização dada pela natureza, ou, para quem crê, dada por Deus. Se a organização sexual não é algo dado pela natureza, o homossexualismo seria restrito aos humanos. Porém, a ciência já demonstrou que tal organização sexual está colocada em todas as espécies de animais[2].

A partir do mito adâmico, as igrejas cristãs são contra a relação homoafetiva porque, equivocadamente, partem do pressuposto que a sexualidade é uma escolha pessoal, é um vício que pode ser tratado com remédios, terapias ou orações, etc. Embora, até 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) tenha colocadada a homossexualidade como uma doença mental, a sexualidade é uma organização dada pela natureza, na divisão cromossômica, ou dada por Deus, para os que nele creem. Mesmo porque, ninguém optaria ou escolheria ser infeliz e discriminado socialmente.

Historicamente, na questão da sexualidade, o cristianismo sempre privilegiou a procriação em detrimento do amor. Por isso não admite o amor entre duas pessoas do mesmo sexo. Como as leis positivadas têm origem cultural e, hoje, a cultura é a do afeto, então, a tendência é fazer leis que privilegie o amor e enfraqueça a procriação. As igrejas cristãs são contra o amor, portanto elas usarão e abusarão de artifícios para combatê-lo. Mas, vale lembrar o livro chamado “A Primeira Epístola De São João Comentada” (Sermão 7, sobre 1 João 4:7-8), de Agostinho de Hipona, no qual ele afirma “[...] ama e

[1] FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Cia. das Letras, 2011.

[2] Vide: https://www.news-medical.net/news/2006/10/23/1500-animal-species-practice-homosexuality.aspx. Acesso: 10/2006.

faze o que quiseres”. Logo, no amor tudo é permitido. Pois, é impossível não fazer o bem quando se ama.

Toledo (PR), julho de 2005.